

A janela

Inah Lins



Henri Matisse, *Conversation*, 1911.
Museu Ermitage, São Petersburgo.

O ar cheirava a cravo, noite de lua em Capricórnio, tom cinza, nevoeiro, a luz do quarto persistente a iluminar a paisagem.

A primeira e última aparição fora a de Felícia.

A quem a realidade pareceria aterrorizante?

Desfilei os seis personagens habitantes da cidade dos mortos. Comecei por eliminação. Ela não poderia ser, a bagagem cultural não condizia com a complexidade da frase. Outra pergunta me instigava, seria personagem feminina ou masculina? A indagação de imediato me trouxe à mente o marido de Felícia, homem inteligente, culto e estudioso da condição humana.

Novamente olhei aquele palco, outra noite, lua cheia em Escorpião, o que me fez lembrar o signo de Gumerindo. Procurei desfilar os outros personagens diante de mim, todos ali passaram antes de seguirem para outro planeta, uns mais cedo, outros mais tarde.

Por ocasião do aniversário de Gumerindo, última reunião antes da morte de Felícia, guardo bem a imagem do quarto do casal, onde fui colocar minha bolsa. Prestei muita atenção ao recanto, cama antiga de jacarandá, quem sabe, a mesma do engenho quando a amiga era casada com o primeiro marido, candeeiro belga em tom vinho iluminava o ambiente, escrivaninha com gavetas pequenas, livros encadernados e muito bem expostos, penteadeira do mesmo estilo da cama. Um vestido vermelho pendurado no cabide, chapéu de Chile encimando o que me pareceu uma figura sem rosto. O chapéu não deixava dúvida, era de homem, mas o vestido vermelho com gola de renda dava ares andróginos ao cabide. Guardo a imagem fotografada.

De todos os presentes apenas dois ainda se encontram entre nós, a irmã de Felícia, que há duas décadas não sabe mais quem é, e a testemunha que no momento escreve uma peça ainda sem título.

Todos na sala bebiam, uísque, vinho, ou sucos. A alegria dominava o ambiente, o aniversariante levanta, conta trecho de sua história de vida referente à prisão após o golpe de 1964, acusado de comunista e critica sua mulher que o teria abandonado quando preso, chamando-a de oportunista.

Balançando as pulseiras, abanando um leque vermelho, ingenuamente pergunta à figura ao seu lado, o significado da palavra. Ouve a resposta da intriga do bem, ser uma pessoa facilmente adaptável, ela sorri. É quando o aniversariante grita convocando a todos a cantar o hino comunista, a



Internacional. Até mesmo a prima Tarsíla e o marido Euzébio, senhor de engenho, levantaram, não escondendo o mal estar expresso por sorrisos patéticos.

Após o hino, parabéns. Felícia encostada ao intelectual José procurava se esconder, certamente com receio de que Gumercindo pudesse falar inconveniências, por se encontrar bastante embriagado.

Passaram-se dias, em noite de lua cheia, o perfil de alguém no peitoril da janela, a princípio de sexo indefinido, me trouxe à memória palavras que li há muito no livro de Gaston Bachelard - *A Poética do devaneio* - “O homem verdadeiro, na plenitude de sua personalidade ideal, não pode, evidentemente, ser apenas homem ou mulher, mas deve possuir uma unidade superior dos dois sexos. A realização dessa unidade, a criação do homem verdadeiro – unidade livre dos princípios masculino e feminino, que conserva a sua individualização formal mas já ultrapassou a sua diversidade essencial e a sua desintegração – é precisamente a tarefa própria e imediata do amor.”

A lembrança desse livro de imediato revelou-me o misterioso personagem. Amigo comum, freqüentador das nossas reuniões, homem de grande cultura, possuidor de invejável biblioteca, refúgio para os momentos de solidão. Quando então tomei conhecimento de grandes filósofos, sobretudo os pré-socráticos, os quais que ele lia no original. Responsável por conhecimento essencial à minha formação, não apenas abrindo-me as portas de sua biblioteca, mas também aumentando o meu interesse por todas as artes, música clássica, pintura e, sobretudo a literatura.

Que pena falar no tempo passado do verbo, o amigo encantou-se muito cedo, antes dos sessenta, teria muito a nos ensinar. Episódio triste, jamais saiu



da minha memória, quadro que assisti poucos dias após a sua partida, e veio transformar o meu pensar sobre a condição humana.

Solteiro, morava sozinho, guardado no seu recanto. Os móveis, a decoração, enfim, a casa permaneceu exatamente como sua mãe deixara. Isso era sagrado, até mesmo quando arrastávamos uma cadeira do lugar, logo que podia, discretamente a recolocava. Traço marcante de sua personalidade. Nas salas, móveis de gosto duvidoso, velhos, não propriamente antigos, quartos cheios de livros, menos o da mãe, fielmente mantido, guarda-roupa antigo, tocador, era assim que ele se referia ao que normalmente se chama penteadeira. Os sofás, pretos, como de luto, e apenas algumas almofadas de seda estampadas e diferentes do que eu imaginava ser o estilo da mãe.

Num recanto da sala íntima, um cofre sempre me despertou curiosidade sobre qual segredo guardava a sete chaves, certamente os seus escritos, conheci alguns textos reveladores de uma prosa poética. Escrevia muito, e depois de algum tempo de convivência soube estar trabalhando num romance. Ao se referir ao livro dizia ter pressa, acrescentando o receio de não ter tempo suficiente para terminá-lo, o que sempre me pareceu premonição. Seu quarto o de um asceta, mesa de cabeceira que chamava de criado-mudo, e quando eu dizia ser muito jovem para usar termo tão antiquado, explicava assim o denominar a mãe. O resto, livros por toda a parte.

Fechei os olhos enquanto lembrava tão marcante personagem, quando apareceu à janela, quem sabe, para saber mais sobre o triste episódio que infelizmente presenciei dias após seu encantamento. _ Voltava da missa de sétimo dia providenciada pelos parentes, pois apesar de ateu, uma das irmãs era freira, sempre a visitava e me falava dela com muita ternura.



Éramos vizinhos, razão de ter assistido àquela cena, o que estranhamente me trazia vontade de rezar. Intenção de agradecer àquele mundo rico que habitara? Paradoxal a minha atitude, rezar para agradecer o recebido de um ateu que temia a Deus, e ao recordar esquecia o nome do personagem. Quem sabe, receio de estar expondo o mais íntimo do meu ser.

Chamava-o pelo segundo nome e jamais me detive para analisar a razão. Sempre gostei mais do primeiro, ou o seu perfil fosse o de José mesmo?

A irmã chamava-se Maria José, no convento, Madre Maria José, Zezé, assim a chamava, o que talvez explicasse a minha preferência pelo segundo nome, quando mais conhecido por amigos e parentes pelo primeiro.

Altura acima da média, barba comprida da cor dos cabelos, castanho-ruivo, olhos amarelos e tristonhos como os do seu cão, companheiro inseparável desde a morte da mãe. Ao chegar do trabalho encontrava aquela figura de braços cruzados, postura encurvada, ar inseguro, contrastando visivelmente com a vaidade.

Jamais imaginei que naquele exato lugar um dia fosse me deparar com o que vi. Entre os possíveis herdeiros de José, o mais provável sem dúvida era um sobrinho, companheiro de viagens prediletas, uma ou mais a São Petersburgo, antiga Leningrado, Paris, e outras cidades da Europa, mas sempre a preferência, pelo Leste Europeu, e descrevia por horas as maravilhas do Museu L'Érmitage. Não gostaria de declinar o nome do sobrinho, parecendo o mais querido, pela maneira como a ele se referia. Por dias pensei nos papéis, livros, sobretudo no texto do seu projeto maior, o romance que escrevia.



Após o desaparecimento de José imaginei que o sobrinho viesse morar no apartamento herdado, usufruir e cuidar daquela biblioteca, enfim, que tivesse a sensibilidade para apreciar a arte em geral.

Desde a missa de sétimo dia percebi certo distanciamento do herdeiro, suas maneiras diferiam do perfil que forneciam amigos e parentes. Será que pensei em tomar conta daqueles preciosos escritos, dos quais fiquei apenas com algumas cartas e sentia inveja?

Foi então que conheci o tamanho do desamor daquele ser humano. Chegava do trabalho, ainda triste e saudosa do amigo que sempre encontrava na calçada, após o habitual passeio à beira do rio Capibaribe. Dois a três metros do lugar onde era colocado o lixo do edifício, à época ainda em tonéis abertos e à mercê dos ventos, enxerguei o horror. Naquela noite sem lua, sem luz, voavam papéis considerados por mim relíquias, cruelmente rasgados, sem o menor pudor, nem ao menos o cuidado de ensacá-los ou incinerá-los.

Pensava, ao longo de tanto tempo de convivência o meu amigo não percebera a verdadeira personalidade do sobrinho.

O trauma foi tão grande que recorri a contar a uma amiga para confirmar a veracidade do quadro que levou pelos ares importantes retalhos da minha vida, afinal de contas poderia ser imaginação, pesadelo, tudo menos realidade. Trágica realidade que veio dividir o caminho de minha vida, levando pedaços.

Dias atrás, quando diante da sua mesa de trabalho, ouvia o som do teclado da máquina Remington, presente da mãe, jamais substituída, por fidelidade e amor, Tudo em segundos transformado em revoada de papéis que obedeciam a direção dos ventos lembrando o vôo das garças que tanto nos



alegrava nos finais das tardes, quando enfileiradas coroavam o Rio Capibaribe.

